

Armin U. Stylow
Juan Manuel Abascal
Rosário Cebrián

MARVÃO E AMMAIA
ao tempo das
GUERRAS PENINSULARES

Apresentação de José d'Encarnação

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão
número especial 2009

Edições Colibri
•
Câmara Municipal de Marvão

DAS GUERRAS PENINSULARES E DAS EPÍGRAFES ROMANAS

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra

CONFIARA-ME Armin U. Stylow, há vários anos, a primeira versão de um texto que tencionava publicar em Portugal acerca de uma epígrafe que encontrara desenhada no diário de um oficial inglês, comandante das tropas anglo-lusas no decorrer da chamada Guerra Peninsular. Incitei-o, de imediato, a dar forma final ao escrito, porquanto a epígrafe se revestia, de facto, do maior interesse, quer fosse de *Conimbriga* (como, a princípio, me pareceu que poderia ser, no contexto da III invasão francesa) quer de *Ammaia*, como, na sequência do contexto em que vem descrita, se compreendeu que seria sem margem para dúvida.

Foram dois os aspectos que, no texto, me suscitaram mais entusiasmo:

– o primeiro, o facto de, nessa óptica de fontes para o estudo dos monumentos antigos, se poderem também analisar os diários dos militares dessa época, mormente os ingleses, a quem, por estarem num país bem diferente do seu, tudo despertava maior interesse;

– o segundo, o estarmos perante uma inscrição honorífica em que se davam a conhecer indivíduos mui provavelmente relacionáveis com famílias conimbricenses: os *Iunii* e os *Turrani*.

Acrescia a isso a circunstância de a dedicante ser uma mulher e o homenageado um duúnviro, seu genro – o que acentuava a ideia, que vem ganhando corpo, de que as mulheres dotadas de algum estatuto social podiam lançar mão desse estratagema de homenagearem alguém da

família a que se haviam ligado por laços familiares, a fim de, dessa forma, a sua família também ser recordada.¹

E, além do mais, estávamos perante uma *Turrania Cilea*, ou seja, alguém cujo cognome denota – como A. Stylow bem frisa – origem indígena: o gentílico bem latino une-se, pois, aqui, mais uma vez, à onomástica local, o que se quadra às mil maravilhas com o que se sabe desta zona em época romana, confirmado pelo outro testemunho da família *Turrania*, de Bencatel (IRCP 451, Vila Viçosa), e pelo recente achado de Alter do Chão, da família *Sentia*, também ela documentada em *Ammaia*, em que *Sentia Laurilla* é identificada como filha de *Tanginus*, um antropónimo ‘lusitano’.²

Outras prioridades levaram Stylow a não voltar a pegar no texto e foi, de certo modo, o afã comemorativo da referida guerra, do lado de cá e do lado da fronteira, que trouxe de novo à luz do dia a oportunidade de ora se dar a conhecer o documento. No entanto, em conversa com Juan Manuel Abascal, soube Armin Stylow que se preparava a publicação do diário de um notável investigador espanhol, José Andrés Cornide de Folgueira y Saavedra de seu nome, que também se passara por Portugal nos primórdios do século XIX e que às inscrições romanas dera particular atenção. A possibilidade de os dois trabalhos poderem ser publicados em conjunto ganhou corpo sobretudo quando se consciencializou, primeiro, que tratavam da epigrafia da mesma cidade romana – *Ammaia* – sita em S. Salvador da Aramenha (Marvão); depois, que o modo como ambos os escritores antigos encaravam a realidade era idêntico: Cornide viera a Portugal como espião militar, no intuito de saber como é que exactamente estava organizada a defesa do Reino em caso de conflito luso-espanhol, e a análise das «antiguidades» romanas podia ser para isso um excelente pretexto; Dickson era militar, estava mesmo no palco da guerra e, nas horas livres, dava conta do que de interessante e invulgar observava à sua volta...

¹ Cf., a este propósito, as reflexões feitas por Luís da Silva Fernandes («A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia*, nova série, XIX-XX, 1998-1999, 129-228) e por mim próprio («Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in M.^a Carmen Sevillano San José *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado. Una Herramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113).

² Cf. Jorge António e José d’Encarnação, «Epitáfio de *Sentia Laurilla*, de Alter do Chão», *Ficheiro Epigráfico* 81, 2006, n.º 362.

Pôs-se-nos, pois, a questão de saber onde publicar e com uma certa rapidez estes dois eloquentes documentos. Serviu o Prof. Jorge de Oliveira, da Universidade de Évora, de privilegiado interlocutor entre a autarquia de Marvão, proprietária da revista *Ibn Maruan*, de que é o director mas cujo número de 2008 se encontrava já completo, e o editor, Fernando Mão-de-Ferro, de Edições Colibri. E assim se concertou a publicação, em número especial da revista, em jeito de anexo ao datado de 2008, cabendo-me a mim o encargo de proceder à tradução de ambos os textos do castelhano para a língua portuguesa, o que fiz com o maior agrado.

Dir-se-á que pouco interesse deterá a leitura de descrições ultrapassadas. Nada mais erróneo, pois, além do que se escreve nas linhas, há muito nas entrelinhas também e miúdas observações a dar conta de circunstâncias do momento que, doutra forma, poderiam ter passado por completo despercebidas. Descreve-se, por exemplo, o curso do rio Sever e o aspecto das suas margens; diz-se como se acedia a Marvão; como se atravessava o Tejo – de barça desde Aldeia Galega (antigo nome do Montijo); e, decerto para espanto de alguns dos leitores, fala-se, a dado passo, de Bertrand, um livreiro de Lisboa: Cornide dormiu, a 26 de Julho de 1800, em Monte Novo, «em casa do feitor do meu amigo Bertrand, o livreiro de Lisboa», escreve! À primeira vista, quem há aí que poderia pensar que a referência a um vulto notável da cultura lisboeta – de que ainda hoje se nos conserva a vetusta Livraria Beltrand (livreiros desde 1732!) – teria cabimento num relato de viagens dos primeiros anos do século XIX?... Cumpre-me, pois, em meu nome pessoal e no dos autores, agradecer aos referidos intervenientes – Eng.º Vítor Manuel Martins Frutuoso (presidente da Câmara Municipal de Marvão), Prof. Jorge Oliveira e Dr. Fernando Mão-de-Ferro – as facilidades concedidas para que este número fosse, de certa maneira, integrado nas iniciativas que, um pouco por todo o País, celebram a luta de Portugal pela independência face ao poderio napoleónico (na altura, apoiado pelos interesses de uma Espanha que já lograra dominar). Mais um dado também a realçar a importância da candidatura da «mui nobre e sempre leal vila de Marvão» a património mundial.

Cascais, Dezembro de 2008

José d'Encarnação